

XIV DOMINGO DO TEMPO COMUM

1. É São Paulo, numa das suas cartas, que afirma querer o bem que não é capaz de fazer e odiar o mal que acaba por realizar.

Poderia dizer-se que esta é a síntese da liturgia deste domingo, uma vez que nos três textos da Palavra aparece o projecto de Deus que, nas diversas circunstâncias, os seres humanos não são capazes de levar a bom termo.

2. É isto o que acontece com o profeta Ezequiel quando, ao chamá-lo, Deus lhe diz que é enviado a um povo rebelde. De facto, o próprio Povo de Deus tinha muita dificuldade em ser fiel ao que Deus lhe pedia (primeira leitura).

3. Quando Jesus entra na sua cidade de Nazaré e se encontra com os seus concidadãos na sinagoga, todos se admiram com a sua doutrina e com os milagres que fazia. Porém, não aceitavam as orientações que Ele propunha. Isto levou Jesus a dizer que ninguém é profeta na sua terra (Evangelho).

4. Finalmente, até o próprio Paulo Apóstolo sente o “agulhão da carne”, isto é, as tendências para o mau agir, inclinações contra as quais lutou a vida inteira para ser fiel ao projecto de Deus (segunda leitura).

VOCAÇÃO E MISSÃO DE EZEQUIEL

Ezequiel é chamado por Deus para transmitir ao povo as suas mensagens. É a vocação do profeta, o que o levará a falar em nome de Deus a um povo marcado por um grande sofrimento, mas também com dificuldade de aceitar as recomendações e exigências de Deus.

A missão de Ezequiel não é fácil, porque se vai dirigir a um povo rebelde. Aliás, quer no caminho do deserto, depois da libertação do Egipto, quer no tempo do cativo, na Babilónia, foi sempre frequente o povo revoltar-se contra Deus. É a tentação do regresso ao Egipto ou a sensação de abandono, como se Deus estivesse longe, é sempre a rebeldia de um povo que quer Deus ao seu serviço. A missão pacificadora de Ezequiel pretende reconquistar o Povo de Deus para o projecto do seu único Senhor.

Ezequiel será o profeta da esperança, mas sempre com a devida dureza das palavras que lhe foram inspiradas para vencer a rebeldia daquele Povo.

NINGUÉM É PROFETA NA SUA TERRA

Em Nazaré, Jesus estava na sua terra. Todos O conheciam. Tinham acompanhado a sua vida até aos trinta e tal anos. Conheciam a sua família, a sua profissão, os amigos. Foi, então, com muita surpresa que O viam falar na sinagoga.

São Lucas, no seu Evangelho, dirá qual foi o tema do seu discurso na sinagoga: o Espírito Santo ungiu-O para dar a Boa Nova aos pobres (Lc 4,18).

A mensagem é muito exigente, por isso, pela dificuldade em a aceitar, os cidadãos de Nazaré preferem calar Jesus, afastá-l'O da cidade, porque a sua palavra era muito incómoda. Jesus, então, afastou-Se apenas com um lamento: “Ninguém é profeta na sua terra.”. Curiosamente, nem milagres ali quis fazer. Seria sempre incompreendido.

UM ESPINHO NA CARNE

Sempre se discutiu sobre o “agulhão da carne” de que fala São Paulo. Ele, simplesmente, reconhece-se como pecador. E é na sua luta contra o pecado que se situa este seu grito.

Paulo vai ao ponto de considerar as razões do seu sofrimento, as fraquezas, as afrontas, as adversidades, as perseguições, as angústias, todo um conjunto de coisas que o perturbam e que não o deixam entregar-se completamente ao projecto que Deus tinha reservado para si. Confia contudo, sempre, quer na misericórdia de Deus para perdoar, quer na força de Deus para o ajudar a vencer.

A vida de Paulo é, assim, uma luta constante para atingir a perfeição sempre inacessível.

É neste contexto que Paulo acaba por dizer: “Quando sou fraco, então é que sou forte.” (2Cor 12,10).

A história de São Paulo, como a história dos concidadãos de Nazaré, ou a história do Povo de Israel, tudo revela a dificuldade do homem em aceitar incondicionalmente e com alegria o projecto de Deus.

Votos de um feliz fim de semana.

António Costa Pires

P.S. Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.